

Já passava da hora um dossiê sobre Aids na *Revista USP*. Não só pela envergadura da moléstia, que continua deixando de cabelo em pé todos os pesquisadores, sejam eles novos ou já medalhões – que vêm segurando o touro pelo chifre desde o seu surgimento. Antes de mais nada, cumprimos nesta edição um dever social. Estão aí as estatísticas – enxurradas delas, que abrangem desde números que procuram ser discretos, para não espalharem o "pânico", como se diz, àqueles apocalípticos – que traduzem por si só a preocupação (em muitos casos desespero) da grande comunidade internacional da saúde com esta pandemia. A situação já chegou ao ponto do presidente Bill Clinton dar um *ultimatum* à comunidade científica de seu país, cobrando uma vacina contra a Aids até o ano de 2007 – atitudes como essa parecem fazer parte da agenda democrata americana, pois no começo dos anos 60 foi Kennedy quem cobrou da Nasa a chegada à Lua até o final daquela década, naquele caso como prova de supremacia *yankee* sobre os comunistas russos. Se essa atitude de Clinton pode ser tomada como prova de força, além de ser inquietante, por outro lado beira o ridículo, pois com toda a colossal quantia de dinheiro aplicada à pesquisa – além da qualidade dos cientistas envolvidos –, o que de mais sólido se tem hoje a apresentar-se é um aumento da sobrevida do indivíduo soropositivo com os chamados "coquetéis". Ou seja, é muito pouco em virtude do investimento e da agonia provocada pela enfermidade. Infelizmente, para toda a humanidade. Infelizmente, ela foi rompendo uma a uma as barreiras, atingindo primeiro a comunidade homossexual, depois as pessoas viciadas em drogas injetáveis que compartilhavam suas seringas, atropelando os hemofílicos e, finalmente, atingindo os heterossexuais. O grande drama da doença, o grande trauma que ela transpira vem justamente do fato de ser transmissível sexualmente – uma peste do sexo que deixa no chinela as gonorréias e sífilis da vida. Sua disseminação se dá através da relação mais íntima na vida do ser humano – o que deixa todos abismados é o fato de não se estar mais seguro entre quatro paredes. Para se ter uma vaga noção de seu perigo – nunca é demais repetir – a relação entre aidéticos homens e mulheres aidéticas, hoje, é de 4 para 1. Acredita-se que até o ano 2000 será de 1 para 1. A Aidas já é chamada de "doença do século". O vírus HIV é tão mais sinistro porque pode ficar incubado no ser humano durante um período que varia de indivíduo para indivíduo, mas que normalmente ocorre entre um e cinco anos, e então se manifestar – fazendo as vidas desabarem em maior ou menor tempo, dependendo da resistência tanto física quanto psicológica de cada um. Assim, aqui está a contribuição da revista: trazer profissionais competentes das mais variadas áreas para tratar do tema. Esperemos que outros textos cheguem e possam ser usados, nesta mesma publicação, como alerta e aumento de informações sobre a Aids, nos próximos números.

O EDITOR